JORNAL DO BRASIL

© JORNAL DO BRASIL S A 1991 — Rio de Janeiro — Sábado, 9 de fevereiro de 1991 — Ano C — Nº 305 — Preço para o Rio: Cr$ 90,00

Tempo

No Rio e em Niterói, céu parcialmente nublado com períodos de claro. Há possibilidades de pancadas de chuvas esparsas e trovoadas isoladas de caráter local. Temperatura estável. Máxima e mínima de ontem: 36.1º em Bangu e 22º em Santa Cruz. Mar calmo e visibilidade boa. Foto do satélite, mapa e tempo no mundo, **Cidade**, página 2.

Classificados

■ **Depois de um intervalo forçado pelo Plano Collor I, volta ao Riocentro, em abril, o Salão Náutico do Rio, maior evento nacional do setor, que deve reunir estandes de 50 estaleiros. O Salão, porém, ainda não faz parte da relação de meia centena de eventos do calendário internacional. (Pág. 4)**

Idéias
LIVROS

☐ *A principal qualidade de* Conceitos da arte moderna, *coletânea de dezessete artigos colhidos pelo crítico grego Nikos Stangos, é a clareza e o agradável didatismo. Abordando os movimentos artísticos do século 20, desde o fauvismo até a arte conceitual dos anos 70, o livro serve como introdução para se compreender os vários "ismos" que marcaram a arte moderna e fizeram a revolução visual do nosso tempo.*

Alfredo Machado
★ 1922 † 1991

O editor Alfredo Machado, da Record, morreu ontem pela manhã, aos 68 anos, no Hospital São Vicente de Paulo, na Tijuca, de parada respiratória provocada por linfoma cerebral. Machado lutou contra o câncer por mais de um ano e deixou um dos maiores parques gráficos do país, construído através de sua fé no poder de um grande *best-seller*.

B
COMIDA

☐ *Presente no imaginário humano desde o pecado original, a maçã está em fase de colheita no Brasil, onde a pomicultura se concentra em Santa Catarina. Aproveitada em sucos, geléias, chás, doces, vinagres e aguardentes, a fruta tem um consumo pequeno no país — 3,5 quilos por habitante/ano — mas foi o produto agrícola que mais cresceu em procura na década de 80.*

Benefícios

■ **O JORNAL DO BRASIL publica amanhã a relação, processada pela Dataprev, de 12.528 benefícios concedidos pelo INSS, referentes a pecúlios, pensões e aposentadorias. O INSS avisa também que está passando a enviar aos segurados um aviso de concessão de benefício.**

Carro e Moto

☐ *O Thunderbird, um clássico superesportivo da Ford, já pode ser encontrado no Brasil. Um cliente de São Paulo, cujo nome está mantido sob sigilo, pagou US$ 100 mil por um modelo LX.* ☐ *Para quem vai pegar a estrada no carnaval, um serviço completo com dicas sobre revisão do carro e conselhos para a preparação do motorista.*

Ataque só começará com risco mínimo de baixas

A ofensiva terrestre aliada contra as tropas iraquianas no Kuwait só será lançada quando o Alto Comando americano achar que o número de baixas será o menor possível. A afirmação foi feita pelo secretário de Defesa dos Estados Unidos, Richard Cheney, que desembarcou ontem na Arábia Saudita para definir uma data para a ofensiva.

Acompanhado do chefe do Estado-Maior Conjunto dos EUA, general Colin Powell, Cheney disse que o início dos combates terrestres depende do resultado do intenso bombardeio que os aviões aliados realizam contra tropas e equipamentos iraquianos no Kuwait. Rejeitando especulações sobre uma sangrenta ação em terra, o general Powell afirmou que "não se trata necessariamente de uma suposição exata" acreditar que os EUA combaterão exatamente da maneira que Saddam Hussein espera.

Em carta entregue à ONU, o Iraque exigiu indenizações dos países aliados pelos danos causados a empresas e pessoas nos bombardeios a instalações civis em suas cidades. A carta pediu às Nações Unidas que enviem uma missão a Bagdá para verificar se é mesmo uma fábrica de armas bacteriológicas, como alegam os Estados Unidos, ou de leite em pó, como acusa o Iraque, um dos prédios destruídos na capital.

Ontem, a aviação americana destruiu quatro lançadores móveis de mísseis Scud iraquianos. Uma delas foi atingida poucos minutos depois de disparar um míssil contra Riad, interceptado por um Patriot americano. Em Washington, o presidente George Bush disse que o rei Hussein, da Jordânia, "parece ter-se passado totalmente para o campo de Saddam Hussein", acusando-o de estar fomentando no mundo árabe a oposição aos Estados Unidos. (Páginas 7, 8 e 9)

Riad — AP

Powell (E) e Schwarzkopf avaliaram as perdas do Iraque

Ameaça de nova desordem

Enquanto o presidente George Bush luta pela nova ordem internacional que promete fazer raiar ao fim da guerra do Golfo Pérsico, há sinais de uma grande desordem internacional despontando no horizonte. Sem muito alarde, de uma maneira que o biombo da guerra quase esconde do resto do mundo, a União Soviética vai entrando numa trilha onde já mal se discerne onde está a perestroika de outrora, onde fica a glasnost e que Mikhail Gorbachev é este que no momento dá plantão no posto supremo do Kremlin.

Ontem, o governo de Moscou deu claros sinais de uma guinada em sua política externa, ao abrir fogo contra os Estados Unidos a propósito do conflito do Golfo. "Receio que a missão aprovada pelas Nações Unidas possa transformar-se numa ação neocolonialista", escreveu, no Pravda, o jornal oficial do Partido Comunista, o comentarista Vsevolod Ovchnnikov. Ao mesmo tempo, em Teerã, onde se encontrava em missão oficial, o vice-ministro do Exterior soviético, Alexander Belonogov, acrescentava: "A destruição intencional das áreas residenciais do Iraque não pode corresponder aos objetivos traçados pela ONU".

Fazia parte do sonho que antecedeu o primeiro conflito depois da guerra fria, como era chamada a guerra do Golfo, uma posição comum EUA-URSS. Hoje, talvez mais importante do que perguntar que Oriente Médio é esse que surgirá da guerra do Golfo, é indagar que URSS é essa que desponta da repressão nos países bálticos e dos sinais de ressurgimento do KGB, do Exército e outros baluartes da linha dura soviética.

Conflito opõe Brasil e EUA

Manoel Francisco Brito
Correspondente

WASHINGTON — O Iraque continua a atrapalhar as relações entre Brasil e Estados Unidos. A recente troca de cartas entre os presidentes George Bush e Fernando Collor denota algo um pouco mais sério do que uma simples troca de impressões em torno da crise do Golfo Pérsico. Ao contrário do que foi noticiado, a carta de Bush, cujo texto não foi divulgado, não cobrava diretamente uma posição menos neutra do Brasil em relação à guerra — mas não deixava de desvendar certas áreas de atrito entre os dois países.

"A carta explicava ao presidente Collor a posição americana e sugeria que o que nós consideramos uma tentativa do seu governo de ficar em cima do muro poderia trazer prejuízos futuros ao Brasil", conta qualificada fonte diplomática americana. "E lembrava a Brasília que sua posição, de publicamente exigir um cessar-fogo entre as partes beligerantes, a coloca em rota de colisão futura com Washington."

O governo dos Estados Unidos admite que o Brasil não queira dar nenhuma declaração forte a favor da guerra. Afinal, como explicam seus funcionários, os americanos compreendem que os sentimentos de autonomia de nações como o Brasil podem se sentir ameaçados diante do poderio militar dos americanos — ainda que, neste caso, como lembram constantemente, a ação no Golfo esteja escorada em resoluções aprovadas pela própria ONU. O que Washington não consegue entender é a incapacidade de Brasília de ir além de um apoio meramente formal à política adotada pelas Nações Unidas. (Continua na página 7)

☐ **O ministro das Relações Exteriores, Francisco Rezek, afirmou que até agora não houve mudança no tratamento dado pelos EUA ao Brasil, mas irritou-se com o fato de o Departamento de Estado ter criticado o governo brasileiro por não enviar informações detalhadas sobre as armas vendidas ao Iraque. "Não mandamos nada, porque nada nos foi pedido", afirmou. (Página 7)**

Governo vai importar leite em pó e carne

Para evitar problemas de abastecimento, o governo vai importar dos países da Comunidade Econômica Européia 100 mil toneladas de carne e 40 mil toneladas de leite em pó. A operação, que pode incluir o arroz agulhinha, será feita de governo a governo, e deve atingir US$ 120 milhões, com financiamentos de um a dois anos. A Receita Federal vai deslocar fiscais para os frigoríficos, a fim de impedir que eles cedam às pressões dos pecuaristas e comprem a arroba da carne por preços superiores a Cr$ 4 mil. (*Negócios e Finanças*, página 3)

Rosane quer que Margarida deixe a pasta

A primeira-dama, Rosane Collor, quer ver a ministra da Ação Social, Margarida Procópio, fora do governo. No último dia 20, Rosane ficou indignada ao saber que Margarida havia liberado recursos para o prefeito de Canapi (AL), que é adversário de seu pai, João Alvino, chefe político do alto sertão alagoano. Rosane ligou imediatamente para Margarida, que tentou acalmá-la chamando-a de amiga. "Não me chame de amiga", respondeu a primeira-dama, disposta a levar às últimas conseqüências os desentendimentos que se arrastam há 10 meses. (Página 3)

Maria José Lessa

Em Copacabana, os personagens que mais vendem máscaras: Saddam Hussein e Zélia

Temporal pára Rio antes da festa

Com engarrafamentos em toda a cidade, que já eram complicados no começo da tarde e chegaram a fechar a Avenida Brasil no fim do dia, quando um temporal inundou o desfile de carros dos cariocas que fugiam da festa, começou informalmente o carnaval no Rio de Janeiro. Centenas de pessoas que iam para a Rodoviária Novo Rio ficaram retidas no engarrafamento e muitas preferiram caminhar, na esperança de não perderem o embarque. Foi grande também o movimento de ônibus na rodoviária, por onde passaram 500 mil passageiros, o que contribuiu para piorar o trânsito na saída da cidade.

Para quem fica, o carnaval tem início oficial hoje ao meio-dia, com a entrega ao Rei Momo das chaves da cidade pelo prefeito Marcello Alencar. O caderno **Cidade** dedica quatro páginas ao carnaval, com a programação do desfile das escolas de samba do Grupo 1 e as melhores dicas para brincar nas ruas e salões do Rio e de Niterói.

Hotéis e desfile perdem movimento

O impacto da recessão, as novas medidas econômicas e a guerra no Golfo trazem previsões sombrias para os negócios de carnaval. A Associação Brasileira da Indústria de Hotéis, que tem 180 filiados no Rio, estima que os estabelecimentos cariocas perderão US$ 10 milhões nos dias de folia, pois a média de ocupação é de apenas 80%. A dois dias do desfile, a Riotur só vendeu 70% dos 388 camarotes, e o empresário Chico Recarey só espera empatar o investimento de Cr$ 3 milhões gastos na decoração para os bailes do Scala. (*Negócios e Finanças*, pág. 1)